



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA  
CURSO DE LETRAS**

**JOSIANE DA CRUZ TRISTÃO WANDERLEY**

**CRÔNICAS DA BARRARIA DE ALEXANDRE GOMES DE BRITO:  
TRAÇOS DO CONTEXTO SOCIOCULTURAL**

ARAGUAÍNA/TO  
2019

**JOSIANE DA CRUZ TRISTÃO WANDERLEY**

**CRÔNICAS DA BARRARIA DE ALEXANDRE GOMES DE BRITO:  
TRAÇOS DO CONTEXTO SOCIOCULTURAL**

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína, Curso de Letras Língua Portuguesa para obtenção do título de graduada e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: Dr. Márcio Araújo de Melo

ARAGUAÍNA/TO  
2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

W245c Wanderley, Josiane da Cruz Tristão .  
CRÔNICAS DA BARRARIA DE ALEXANDRE GOMES DE BRITO:  
TRAÇOS DO CONTEXTO SOCIOCULTURAL. / Josiane da Cruz Tristão  
Wanderley. – Araguaína, TO, 2019.

43 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus  
Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português, 2019.

Orientador: Márcio Araújo de Melo

1. Literatura. 2. Crônicas. 3. Tocantins. 4. Análise . I. Título

**CDD 469**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

JOSIANE DA CRUZ TRISTÃO WANDERLEY

**CRÔNICAS DA BARRARIA DE ALEXANDRE GOMES DE BRITO:  
TRAÇOS DO CONTEXTO SOCIOCULTURAL**

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína, Curso de Letras Língua Portuguesa para obtenção do título de graduada e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: Dr. Márcio Araújo de Melo

Data de aprovação: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Márcio Araújo de Melo - UFT

Orientador UFT

---

Prof. Dr. (a) Luiza Helena Oliveira da Silva - UFT

Examinador (a)

---

Prof. Dr. (a) Vilma Nunes da Silva Fonseca

Examinador (a)

ARAGUAÍNA/TO  
2019

*Dedico este trabalho ao Deuziran (meu esposo) e aos meus filhos amados, Thyago e Dheyzianny e as minhas queridas amigas, Ana Karla, Elizangela e Loriana..*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por tudo que me concedeu ao longo da vida e por me dar força para continuar lutando para alcançar meus objetivos.

À minha querida mãe, Marinalva, que tanto me ajudou nos momentos mais difíceis, sei que sem a senhora eu não teria conseguido.

A meu padrasto, que como um pai sempre me ajudou.

A meu pai querido, pelo amor e carinho.

A meu filho e minha filha, Thyago e Dheyzianny, que foram meus maiores motivos para continuar persistindo e lutando todos os dias por meus objetivos.

A meu esposo Deuziran, que esteve ao meu lado o tempo todo, por acreditar em mim, e lutar até o último momento.

A meu irmão e minhas duas irmãs, Cristiana, Edriele e Daniel pelo amor e carinho e por nunca dizer não na hora das minhas maiores dificuldades.

A minha querida sogra, Maria de Loudes, que também me apoiou como uma mãe.

Aos meus enteados, Diego, Dhullienny e Dhlyyanne, que também me incentivaram.

As minhas queridas amigas Ana Karla, Elizangela e Lorianana, por terem me abraçado nos momentos de grande dificuldade financeira, pelo amor, pelo carinho.

A Luana, e a Rafaela pela parceria no desenvolvimento do programa Residência Pedagógica, Programa que muito contribuiu para minha formação.

A Morgana, por ter acreditado em mim, pelos seus incentivos, e pelas palavras doces e cheias de otimismo.

A minha turma, pelo bom relacionamento no decorrer do curso.

A todos os meus professores, em especial a professora Vilma Nunes e Luiza Helena Oliveira, muito obrigada pela contribuição de todos para minha formação.

A todos os meus parentes e amigos que torceram por mim.

A meu orientador Marcio Melo, pelas contribuições no desenvolvimento deste trabalho.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar duas crônicas da obra *Crônicas da Barraria*, do autor Alexandre Gomes Brito (2019), destacando alguns aspectos socioculturais apresentados nos textos escritos pelo autor, visto que nas crônicas em questão, observamos uma quantidade significativa de aspectos sociais e culturais sendo narrados e comentados pelo autor. As crônicas que serão nosso objeto de análise são: *Barraria* e *Casamento na roça*. Os principais autores que embasa esse trabalho é Deboni (2011), Sanches (2008), Le Goff (1990) Bergson (1999). Para desenvolver este trabalho utilizamos a pesquisa bibliográfica, lançando mão a livros teóricos, artigos e revistas científicas. Para facilitar o percurso da pesquisa foi utilizado o método de fichamento do material utilizado. Na análise discorreremos sobre o contexto sociocultural descrito pelo autor, procuramos mostrar que o autor de alguma forma tenta preservar a cultura e a singularidade daquele povo. Partindo da concepção de que o texto deixa marcas do contexto sociocultural descrito pelo autor, podemos inferir que também há marcas no texto que são produzidas pelo autor. Tais marcas são observadas por nós neste trabalho, principalmente no que diz respeito a traços socioculturais. Neste contexto, a finalidade principal deste trabalho foi analisar aspectos sociais e culturais que são narrados e comentados pelo autor durante a obra.

**Palavras-chaves:** Literatura. Crônica. Memórias. Tocantins. Análise.

## ABSTRACT

This paper aims to analyze two chronicles of the work *Chronicles of Barraria*, by the author Alexandre Gomes Brito (2019), highlighting some socio-cultural aspects presented in the texts written by the author, since in the chronicles in question, we observed a significant amount of social and cultural aspects. being narrated and commented by the author. The chronicles that will be our object of analysis are: *Barraria and Marriage in the field*. The main authors behind this work are Deboni (2011), Sanches (2008), Le Goff (1990) Bergson (1999). To develop this work we use the bibliographic research, using theoretical books, articles and scientific journals. To facilitate the research, the method of recording the material used was used. In the analysis we discuss about the sociocultural context described by the author, we try to show that the author somehow tries to preserve the culture and uniqueness of that people. From the conception that the text leaves marks of the sociocultural context described by the author, we can infer that there are also marks in the text that are produced by the author. Such marks are observed by us in this work, especially regarding sociocultural traits. In this context, the main purpose of this work is to analyze social and cultural aspects that are narrated and commented by the author during the work.

**Key-words:** Literature. Chronicle Memoirs. Tocantins. Analyze.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Crônicas da Barraria .....	25
--------------------------------------	----

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLOGIA</b> .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
<b>2.1 MEMÓRIA E LITERATURA</b> .....	16
<b>2.2 MANIFESTAÇÕES LITERÁRIAS TOCANTINENSES</b> .....	18
2.2.1 Qual o papel das academias de letras do Tocantins no desenvolvimento da literatura tocantinense? .....	19
2.2.2 A produção cultural no Tocantins .....	20
<b>2.3 O GÊNERO CRÔNICA ALIADO A HISTÓRIA DE UM POVO</b> .....	22
<b>3 O AUTOR ALEXANDRE GOMES DE BRITO</b> .....	23
<b>4 A BARRARIA PELO OLHAR DE ALEXANDRE GOMES</b> .....	26
<b>4.1 AS CRÔNICAS EM FOCO</b> .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
<b>4.2 CRÔNICAS RESUMIDAS</b> .....	29
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	34
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	35
<b>ANEXOS</b> .....	37

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu a partir de reflexões acerca das disciplinas voltadas para a literatura e, principalmente, as discussões acerca da literatura tocantinense. Iniciaremos discorrendo as concepções de alguns teóricos acerca da literatura. Podemos afirmar que não há uma definição concluída em relação à literatura. A literatura não é algo que alguém pode definir com propriedade de verdade única, como acontece em alguns termos da área de exatas.

Ao pesquisarmos acerca de uma concepção sobre literatura, percebemos que as definições são alteradas de acordo com o sujeito. De acordo com Lajolo (2001), dependendo do ponto de vista de cada pessoa, em relação a literatura, forma um significado diferente, e uma concepção de literatura.

### *O que é literatura?*

[...] é uma pergunta complicada justamente porque tem várias respostas. E não se trata de respostas que vão se aproximando cada vez mais de uma grande verdade, da verdade-verdadeira. Cada tempo e, dentro de cada tempo, cada grupo social tem sua resposta, sua definição. (LAJOLO, 2001, p.25)

Muitos autores compartilham do mesmo pensamento de Lajolo, no que se diz que não há uma definição para literatura, pois a literatura é algo inacabado, que vai se atualizando e surgindo novos textos literários diariamente. Dependendo de cada época um texto pode ser ou não considerado literatura.

Qualquer coisa pode ser literatura, e qualquer coisa que é considerada literatura, inalterável e inquestionavelmente – Shakespeare, por exemplo -, pode deixar de sê-lo. Qualquer ideia de que o estudo da literatura é um estudo de uma entidade estável e bem definida, tal como a entomologia é o estudo dos insetos, pode ser abandonada como uma quimera. (EAGLETON, 2006, p.16)

Portanto, compreendemos que a literatura não contém uma definição concluída e acabada, ela vai se transformando ao longo do tempo, e que cada indivíduo pode gerar uma definição/significação diferente para literatura. Agora partiremos para outro ponto; qual a importância da Literatura? Qual o seu impacto na vida de um indivíduo? Vejamos, a seguir, as palavras de Vieira:

A literatura tem sido, ao longo da história, uma das formas mais importantes de que se dispõe o homem, não só para o conhecimento do mundo, mas também para a expressão, criação e re-criação desse conhecimento. Lidando com o imaginário, trabalhando a emoção, a literatura satisfaz sua necessidade de ficção, de busca de prazer. (VIEIRA, 1989, p. XI)

A literatura contém um papel essencial dentro da sociedade, que é a formação do homem. Vários teóricos literários – como Antônio Candido, Terry Eagleton, Marisa Lajolo, Alice Vieira, entre outros – concordam que a literatura tem um papel social fundamental dentro da sociedade, mesmo que não perceptível. Um dos principais papéis desempenhado pela literatura é a arte de humanização do indivíduo, atribuindo a ele reflexões, prazer, emoção, entre outros.

Vejamos, a seguir, parte dos escritos de Antônio Candido:

[...] verifiquei que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. (CANDIDO, 2004, p. 186)

Para Candido, a literatura traz consigo momentos de reflexão, construção de conhecimentos, emoção, prazer, juízo críticos, entre outros, com isso adquirindo um caráter humanizador no indivíduo. A literatura é tão essencial para a o ser humano, que Candido afirma que a literatura é um direito de todos, assim como todos têm direito à educação, saúde, a bens fundamentais, entre outros. Todos têm acesso a algum tipo de literatura, porém nem todos têm acesso a todas a literaturas; um exemplo citado por Candido é que nem todas as pessoas têm acesso a Dostoiévsk.

A literatura desempenha, em meio a sociedade, funções muito importantes, como instrumento de informação, educação, reflexão e de possibilidades. E por meio da literatura somos marcados, o leitor abstrair aquilo que leu, sendo algo positivo ou negativos. De acordo com Lajolo:

A literatura é porta para variados mundos que nascem das várias leituras que dela se fazem. Os mundos que ela cria não se desfazem na última página do livro, na última frase da canção, na última fala da representação nem na última tela do hipertexto. Permanecem no leitor, incorporados como vivência, marcos da história de leitura de cada um. Tudo o que lemos nos marca. (LAJOLO, 2001, p.44 - 45)

Partindo da concepção de que o texto deixa marcas, podemos inferir que também há marcas no texto que são produzidas pelo autor. Tais marcas são observadas por nós neste trabalho, principalmente no que diz respeito a traços socioculturais, deste modo, outro ponto que deve ser ressaltado antes de adentrarmos na análise dos textos é o conceito de aspectos ou expressões socioculturais. As expressões socioculturais desenvolvidas pelo ser humano não se manifestam de forma independente, elas são ligadas, e é nas relações sociais que são desenvolvidos todos os aspectos socioculturais, esses aspectos estão inseridos nas sociedades em geral.

Utilizamos o termo sociocultural para situações em que nos referimos a qualquer processo ou fenômeno relativo aos aspectos sociais e culturais de uma comunidade ou de uma sociedade. Sendo assim, um elemento sociocultural refere-se exclusivamente as ações humanas que podem servir tanto para colocar em ordem a vida em comunidade como para dar-lhe significado e sentido.

Qualquer comunidade humana possui uma realidade sociocultural que é constituída por elementos distintas entre si, por exemplo: língua, tradições populares, manifestações religiosas, credences populares, costumes e tradições, e assim por diante.

Cultura ou Civilização, tomada em seu sentido etnológico amplo, é aquele todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e todas as demais capacidades e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade. A condição da cultura, entre as diversas sociedades da espécie humana, na medida em que é passível de ser investigada nos princípios gerais, é um tema apropriado para o estudo do pensamento e da ação humanos. (Tylor, apud Thompson, *ibid.*, p.171)

Segundo o autor acima citado, a cultura em sua amplitude é complexa pois, inclui conhecimento, crenças, arte, moral, lei, costumes. O autor ressalta ainda que ela é uma fonte de estudo para os pesquisadores.

Este trabalho justifica-se pelo fato de que a literatura desempenha em meio a sociedade funções muito importantes, como instrumento de informação, educação, propõe reflexões, possibilidades, além de ser também por meio da literatura que muitas informações históricas vêm sendo transmitidas, por meio dela temos oportunidade de fazer leitura de mundo, desenvolver prazer, repertório cultural, traz consigo emoções, reflexão, juízos, valores sociais, bem como observarmos aspectos pertencentes à sociedade ou comunidade sobre a qual a narrativa relata; e ao lermos a obra de Alexandre Gomes, observamos traços significativos pertencentes a região da barraria.

Neste contexto, a finalidade principal deste trabalho é analisar aspectos sociais e culturais que são narrados e comentados pelo autor durante a obra. Este trabalho tem como objetivo a análise da obra *Crônicas da barraria*, escrita por Alexandre Gomes Brito, conhecido também por Alex Brito, destacando nela aspectos socioculturais apresentados nos textos escritos pelo autor. Da obra citada anteriormente ressaltaremos duas crônicas para serem nosso recorte analítico, visto que nas crônicas em questão, observamos uma quantidade significativa de aspectos sociais e culturais sendo narrados e comentados pelo autor.

A metodologia utilizada para a elaboração desta análise é a pesquisa de cunho bibliográfico. Os levantamentos foram feitos em literaturas e sites confiáveis, nos valermos de artigos e pesquisas de teóricos renomados da área, com o intuito de identificar, apresentar e analisar na narrativa aspectos sociais e culturais pertencentes a região da Barraria.

Este trabalho tem como objetivo geral a análise da obra *Crônicas da barraria*, escrita por Alexandre Gomes Brito, destacando na obra alguns aspectos socioculturais apresentados nos textos escritos pelo autor. Da obra citada anteriormente ressaltaremos duas crônicas para serem nosso recorte analítico, visto que nas crônicas em questão, observamos uma quantidade significativa de aspectos sociais e culturais sendo narrados e comentados pelo autor. As crônicas que serão nosso objeto de análise são: *Barraria* e *Casamento na roça*. E como objetivos específicos almejamos detectar os principais aspectos sociais e culturais apresentados nas crônicas; apresentar tais aspectos e expressões apresentadas na obra e analisar trechos das crônicas enfatizadas.

Estruturamos este trabalho em sete capítulos. No primeiro capítulo, realizamos a fundamentações teórica e metodológica que sustentam esta pesquisa. No segundo capítulo, iremos discorre acerca da memória e da literatura, mostrando como se dá a relação desses dois termos. No terceiro capítulo, iremos nos restringir a comentar acerca da literatura tocantinenses, apresentando o desenvolvimento da literatura no Tocantins e suas produções.

No quarto capítulo, iremos discorrer acerca do gênero crônica e sua relação com a história de um povo, gênero este que compõe nosso *corpus*. No quinto capítulo, iremos apresentar o autor Alexandre Gomes Brito, escritor que produziu as crônicas que foram analisadas. Já no sexto capítulo, realizamos o mo(vi)mento observar como Alexandre Gomes circunstancia a barraria. No sétimo capítulo, realizamos a análise das crônicas que compõe nosso *corpus*.

## 2. METODOLOGIA

Para embasar nossa análise nos valeremos de autores como: Candido (2004), Lajolo (2001), Eagleton (2006), Vieira (1989), Deboni (2011), Sanches (2008), Dias (2017), dentre outros. O trabalho de Deboni (2011), por exemplo, “A vida social e cultural e a atividade literária no Tocantins”, possui elementos que embasam nossa pesquisa, visto que o objeto de estudo dela são textos literários de autores de Tocantins, enquanto o nosso objetivo de estudo são os aspectos socioculturais apresentados nos textos escritos pelo autor.

Pretendemos, por meio de a pesquisa bibliográfica, no decorrer desta análise contemplar e analisar de forma sucinta e detalhada, as crônicas selecionadas como objeto de estudo, considerando que esta abordagem proporciona resultados significativos no processo de análise de livros.

De acordo com Gill (1999, p. p.65):

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituindo principalmente de livros e artigos científicos. Embora e quase todos os estudos sejam exigidos algum tipo de trabalho, desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. (GILL, 1999, p. p.65)

E conforme Trujillo (1974, p 230): “A pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já que foi dito ou escrito sobre o assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras. ” Trujillo (1974, p 230). Sendo assim, o estudo bibliográfico subsidiará e favorecerá todo o percurso da pesquisa.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEORICA

### 2.1 MEMÓRIA E LITERATURA

O tema abordado traz alguns conhecimentos através de crônicas, nos proporcionando uma melhor compreensão da linguagem e do sociocultural na memória popular. Como sabemos a memória serve como base fundamental para rememorar o passado vivido ou o imaginado. Nesse viés entende-se que a memória tem a capacidade de aproximar as pessoas ou coisas que não estão presentes. Passamos assim a compreender o passado, conhecendo outros modos de viver, outros jeitos de falar, outras formas de comportar-se e possibilitando também uma ligação com outras gerações do passadas.

As histórias contadas trazidas por nossos antepassados têm a função de construir uma identidade individual e coletiva para assim, nos manter unidos e fazer com que cada um sintam-se parte de uma mesma comunidade/cultura, cada indivíduo traz em si uma história uma memória do grupo ao qual pertence.

Bergson (1999) diz que a memória “prolonga o passado no presente, porque nossa ação irá dispor do futuro na medida exata em que nossa percepção, aumentada pela memória, tiver condensado o passado”. Diante disso, compreendemos que a memória é o elemento responsável pela reelaboração do passado no presente. Percebemos que há uma urgência em trazer estas histórias cada vez mais para nossa sociedade, uma vez que, vivemos em dias que a grande maioria das pessoas não sabem de onde provem certas atitudes, jeitos de agir. Sabemos que nossa formação está pautada em nossa infância, pois o que ouvimos o que fizemos reflete no que somos hoje.

Le Goff (1990) define a memória como um componente principal na construção da identidade individual e coletiva. “Memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”. Portanto, a memória, segundo o autor é uma ferramenta de conquista e de poder, e é através da memória escrita que compreendemos todo o tipo de manifestações nos dias atuais.

Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória. (LE GOFF,1990. p. 446)

Thompson (1992) fala que toda história vai depender de sua finalidade social. Ele explica que era por esse motivo que as histórias no passado eram passadas de geração a

geração, mas que hoje as crianças aprendem história na escola, e que essas histórias são consideradas verdadeiros *best-seller*.

Toda história depende basicamente, de sua finalidade social. Por isso é que, no passado, ela se transmitia de uma geração a outra pela tradição oral e pela crônica escrita, e que, hoje em dia, os historiadores profissionais são mantidos com recursos públicos, as crianças aprendem história na escola, florescem sociedades amadoras de história e os livros populares de história estão entre os mais vigorosos best-sellers. (THOMPSON, 1992. p. 20)

O que observamos é que a história independente do gênero irá possibilitar a futuras gerações conhecimentos, de determinadas culturas de um povo, de uma sociedade. Por isso a necessidade de preservar e registra as histórias contadas e vividas.

Para dar um respaldo maior ao que se refere memória é importante falar sobre memorialismo e autobiografia. Segundo Palo (2009), essas duas formas é que possibilita e da origem ao “olhar do eu”, dentro da obra.

Bem sabemos que é das formas memorialistas às formas do gênero autobiográfico que tem origem “o olhar do eu” e a refração da verdade descentrada da realidade. Trata-se mais de uma autobiografia poética com seu método descritivo fora dos gêneros limítrofes: memórias, biografias, diário e suas normas literárias, formas renovadoras da sensibilidade do leitor. Esta passa então a ganhar o gosto pelos juízos de valor encarnados no aspecto inovador e inventivo das formas de memória. (PALO, 2009. p. 4)

Não iremos nos adentrar aos gêneros memória e autobiografia porque esse não é o nosso interesse na análise, mas observamos que o autor lança mão ao recurso memorialista e autobiográfico dentro de suas crônicas. Já no início do livro precisamente no prefácio II o autor Edson Galo, amigo de Alexander Gomes, relata que na obra *Crônicas da Barraria* o autor divaga por essas duas formas.

Alexandre, navega (ou melhor em se tratando de *Barraria*) cavalga sobre esses dois gêneros com leveza, sincronia, desliza com palavras escolhidas, sem pedantismo, com erudição comedida do grande narrador que é. Atentamente, escuta e analisa as histórias desse povo. Descreve com maestria pessoas, homens e mulheres, lugares, personagens pitorescos, situações e fatos que marcaram e marcam as características de um povo e região. E isto define um personagem típico, “o Cabra da Barraria”. (BRITO, 2019. p. 17)

A análise Das crônicas de Alexandre Gomes de Brito, tem como objetivo compreender, e preservar essa riqueza cultural pertencente a região da Barraria.

## 2.2 MANIFESTAÇÕES LITERÁRIAS TOCANTINENSES

Este capítulo aborda um breve estudo sobre literatura Tocantinense visto que, num dado momento, após a criação do Estado do Tocantins, temos uma literatura emergente na região (antigo norte do Goiás). O percurso desse trabalho é a luz da análise literária, com o intuito de compreender como foi ou como está sendo formada a literatura no Tocantins.

Muitos que conhecem a literatura do Tocantins percebem que ela não se difere de muitas literaturas regionais existentes em outras regiões. Deboni (2007) diz que,

Assim como os escritores do século XIX escolheram temas nacionais e descreveram cenas, acontecimentos e costumes brasileiros para construir suas obras, certos escritores no Tocantins optaram por abordar sua região e seus costumes na tentativa de projetá-lo. (DEBONE, 2007. p. 79)

Essa característica ocorre devido a uma constante busca pela construção de uma literatura singular, ou seja, com características próprias. Para isso os autores tocantinenses buscam trazer para suas obras aspectos, traços da nossa região, Segundo Deboni (2007), este é um recurso que os autores recorrem para construir uma imagem do próprio Estado, para assim diferenciá-lo dos demais e, o mais importante, tornar sólido a identidade de um povo que nasceu em uma cultura literária e que de repente teve que recriar a sua própria, devido aos percalços ocorridos com a divisão do Estado de Goiás.

Entre os recursos que colaboram para a construção de uma imagem do Tocantins, encontram-se os textos literários produzidos por certos escritores e o trabalho que vem sendo desenvolvido pelas Academias de Letras existentes no Estado. Por meio deles, procura-se criar um contexto cultural pelo qual seja possível forjar uma identidade que venha a diferenciá-lo dos demais Estados e principalmente de Goiás, do qual geograficamente fazia parte. Por isso, é pertinente observar, em primeiro lugar, algumas das principais manifestações culturais da região Centro-Oeste e compará-las com as que são atualmente produzidas no Tocantins, de modo a averiguar o papel que alguns desses elementos possuem nesse processo. (DEBONI, 2007. p. 40)

Essas características abrem portas para que autores de diferentes áreas de conhecimento escrevam suas obras, as quais estão muitas das vezes voltadas as suas próprias vivências e experiências. É caso do autor citado nesse trabalho. Brito traz para a literatura tocantinense uma importante obra “Crônicas da Barraria”. Essa obra traz uma riqueza cultural disseminada nas regiões da Barraria. A Barraria é uma região sertaneja próxima de Araguaína, onde muitos de seus moradores vivem do sustento que essas terras dispõem como o cultivo da agricultura e da criação de gado. Mas o que tem a ver a localidade da Barraria com literatura tocantinense? A resposta é simples, há uma riqueza cultural naquela região em relação a religiosidade e práticas festivas. E para provar esse fato recorreremos ao livro “Crônicas da Barraria” de Alexandre Gomes de Brito.

Segundo Sanches (2008), A literatura brasileira mais difundida pela crítica nacional é de que a nossa literatura passa por dois momentos o primeiro onde ela tem suas bases em um modelo que vinham de fora, o outro momento está pautado na busca constante de uma afirmação de nacionalidade. E daí surge duas correntes distintas, “a psicológica ou de costume e a regionalista”.

Como sabemos o regionalismo é a tendência que se identifica com aqueles aspectos que distinguem a vida, os costumes, o temperamento, a linguagem do homem rústico cujo desenvolvimento tecnológico não alterou o seu modo de ser e de viver (SANCHES, 2008. p. 20).

O autor destaca também que na época de sua pesquisa havia uma forte tendência em desenvolver obras regionalistas no Tocantins, onde os pesquisadores buscavam ressignificar o conceito de regionalismo. O autor traz ainda uma reflexão a respeito do papel exercido pela literatura na vida social dos indivíduos. Segundo ele para alguns a literatura é algo que existe em si e por si, ou seja, olhando apenas os fatores internos, enquanto para outros os fatores que vem de fora, mesmo que secundários são elementos fundamentais para entender as obras desenvolvidas pelos autores. Observamos que há essa característica regionalista na obra “Crônicas da Barraria”, porque o autor traz ao leitor aspectos que caracterizam a literatura nesse viés como, os costumes, e a linguagem descritas na obra.

### **2.2.1 Qual é o papel das academias de letras do Tocantins no desenvolvimento da literatura tocantinense?**

As Academias tocantinenses de letras (ATL) tem um papel importante no desenvolvimento de suas literaturas, porquanto elas são instituições que tem como objetivo o incentivo a criação de novas literaturas de autores Tocantinenses.

As academias foram surgindo depois da instalação do novo Estado em (1989) pela grande necessidade em preservar os valores literários do antigo norte de Goiás e da atualidade. Assim como todas as academias, as que aqui atuam são compostas por membros efetivos, esses membros necessitam ter publicado obras importantes ou de valor literário. O governo do Estado criou um programa intitulado como, “Programa Estadual do livro e da leitura vamos ler! Literatura tocantinense” onde se encontra um pouco da história das academias e um roteiro com incentivos a leitura das literaturas tocantinenses.

A ATL é composta por membros efetivos e perpétuos, conhecidos como "imortais", escolhidos entre os cidadãos e as cidadãs tocantinenses que tenham publicado obras de reconhecido mérito ou livros de valor literário. À semelhança

da Academia brasileira, o cargo de "imortal" é vitalício, o que é expresso pelo lema "Ad immortalitem", e a sucessão dá-se apenas pela morte do ocupante da cadeira. (TOCANTINS, 2016. P. 11).

Com o surgimento das academias vão surgido o incentivo de novos escritores que aqui residem ou residiram, essa literatura tem um cunho regionalista até mesmo porque há uma necessidade em se preservar a cultura, e os costumes da região. Para isso tem-se um incentivo cada vez maior pelas academias em buscar autores regionais, pois, como já foi citado é de suma importância a preservação dos saberes e costumes de nossa região. Segundo o programa são os valores, os saberes e costumes que acabam definindo o ser humano e a sociedade em que ele está inserido.

Os valores, saberes e costumes definem o ser humano e a sociedade. Não vamos falar de livros, falar em erudição. A cultura é maior do que isso tudo. A cultura é um modo de vida. "Aculturar-se" é respirar um hábito local, imergir na vivência do povo. Ser culto é viver adaptado... após as nossas necessidades básicas, vêm a Ciência e a Arte, e nela a Literatura. (TOCANTINS, 2016. p. 11).

As ATL contam com escritores que, atuam em áreas profissionais diversificadas, o que a torna ainda mais interessante, pois, há diversos olhares em relação a literatura tornando-a mais interessante e de suma importância para manter viva uma cultura que vem resistindo a tantas mudanças ao longo do tempo. A exemplo disso são as crônicas de Alexandre Gomes de Brito que traz ao leitor histórias do cotidiano de um povo imerso em uma imensa cultura regional. E como diz o manual elaborado pelo o governo do Estado em (2016), "É de suma importância tanto para o público em geral, quanto para as futuras gerações que terão a oportunidade de conhecer um pouco mais de nossa história literária." E é somente através dessas histórias que as futuras gerações terão contato com certas culturas, costumes e tradições de muitas regiões.

### **2.2.2 A produção cultural no Tocantins**

O trabalho de Deboni (2011), A vida social e cultural e a atividade literária no Tocantins possuem elementos que podem ajudar-nos em nossa pesquisa, pois o objeto de estudo dela são os textos literários de autores do Tocantins, e o nosso são os aspectos socioculturais apresentados nos textos escritos pelo autor.

A vida social e cultural do Tocantins é herança de Goiás do qual foi desmembrado, mas o Estado vem buscando uma identidade própria. No entanto, será relevante verificar se há e quais são as relações entre as manifestações culturais e artísticas desenvolvidas em Goiás, antes do desmembramento e as que prevaleceram ou que surgiram após o desmembramento dos territórios. Há que se considerar as questões políticas pertinentes aos dois novos estados, bem como "algumas dessas práticas se apresentam similares ao quadro

anterior, em outras, por sua vez, como é o caso da literatura, mostram-se já distintas das produzidas ainda no momento relativo ao pertencimento ao Estado goiano”. (DEBONI, 2011, p. 14)

A autora dá conta de um processo de manipulação de dados quando da campanha de emancipação de Tocantins, que consistia, inclusive forjar peculiaridades culturais em relação ao restante do país.

Entre os mecanismos utilizados para dar visibilidade ao Tocantins, no momento de sua formação como Estado, configurou-se com a reiteração da enunciação de um discurso que buscou dar respaldo à sua criação. Forjando uma origem histórica e uma identidade tocaninense desde o século XVIII, esse fazer corresponde a um discurso emancipatório, que encontra suas raízes nas práticas políticas (RODRIGUES, 2009). Unindo-se a esse enunciado, e em decorrência dele, além da relativa manipulação dos acontecimentos históricos e das ações de determinadas personalidades políticas, houve a necessidade de forjar peculiaridades culturais em relação ao restante do país. Desse modo, o processo de criação de uma memória histórica para o Tocantins abrange também suas ações culturais e se assemelha ao movimento descrito por Pierre Bourdieu (2005) para a criação de uma ideia de região. (DEBONI, 2011, p. 15)

Deboni (2011) apud Bourdieu (2005), afirma que a noção de região é uma representação arbitrária e se estabelece por uma “divisão” do mundo social configurado, a princípio, pela criação de fronteiras para delimitá-lo e diferenciá-lo das demais localidades. Ora, não existem classificações naturais, portanto essa divisão está em conformidade com os interesses de quem a produz.

No entanto, para que um enunciado traga determinada região à existência, através de sua delimitação e diferenciação, cabe a ele forjar uma identidade que se fundamente primeiramente na apropriação de determinados aspectos tomados como realidade objetiva por um certo número de habitantes, de modo a induzir os demais a reconhecerem essas particularidades. Com isso, o enunciado torna-se um produto de identificação por meio do qual o grupo anteriormente ignorado passa a ser conhecido e reconhecido. (DEBONI, 2011, p. 15)

As manifestações culturais do Tocantins não são as mesmas de Goiás, pois apenas algumas das práticas populares produzidas em Goiás apresentam-se no Tocantins:

Como a Festa do Divino Espírito Santo, as cavalhadas, congos e congadas, as Folias do Divino e dos Reis, as Catiras, às quais se somam outras, como a Roda de São Gonçalo, a Festa de Nossa Senhora de Natividade, os Caretas de Lizarda, Festejos de Nossa Senhora do Rosário, Caçada da Rainha. O fato de algumas dessas atividades fazerem parte do quadro cultural do Tocantins em detrimento de outras, relaciona-se ao seu caráter tradicional e popular, e por serem mais praticadas e conhecidas, não somente nessa localidade, mas no país como um todo, acabaram por enraizar-se na sua cultura de tal forma que, ao passarem de uma geração a outra, tornaram-se parte integrante de seu contexto”. (DEBONI, 2011, p. 17)

A Festa do Divino Espírito Santo é um exemplo de uma festividade que foi mantida de geração em geração, pois é uma tradição que acontece na região desde o século XIX; a Romaria do Bonfim, que acontece na cidade de Natividade desde o século XVIII, e, em Araguacema, desde 1932. Outro motivo para sua permanência é de caráter puramente geográfico. E assim essas manifestações que são executadas estão centradas no Estado fazendo parte do acervo cultural do Tocantins.

### 2.3 O GÊNERO CRÔNICO ALIADO A HISTÓRIA DE UM POVO

Antes de adentrarmos na análise dos textos, faremos a seguinte pergunta: O que é crônica?

Como resposta podemos ressaltar os escritos do próprio Alexandre Gomes Brito autor da obra, segundo ele:

Crônica é uma narrativa curta que tem como ponto de partida um fato real comentado pelo autor, de maneira crítica ou bem-humorada. É um tema que explora temas do cotidiano. E cronista é um espectador que narra a visão da sociedade em que vive, através dos fatos do dia a dia. (BRITO, 2019. P. 11).

Segundo Massaud Moisés (2001), a crônica está entre a reportagem e a construção literária, entre o relato impessoal de um acontecimento e a sua recriação mediada pela fantasia. A crônica surgiu na França em 1799, o modelo chegou entre nós brasileiros com o nome de *Folhetim*, e permaneceu com esse nome até a segunda metade do século XIX.

Sabemos que a crônica está mais ligada culturalmente aos meios jornalísticos e revistas, mas entendemos também que hoje há uma busca constante ao não esquecimento dessas obras, fazendo com que autores dessa magnífica escrita edite livros com suas crônicas com intuito de evitar que elas caiam no esquecimento.

Quando a faceta literária sobrepuja a jornalística, a metáfora ou a conotação antepõe-se a denotação, - a recolha em livros tem parecido o expediente mais adequado para a tentativa de vencer a morte prematura nas páginas dos periódicos. Mas, ainda quando exumada do seu nicho original para se agasalhar no casulo de um livro, a crônica continua a sofrer desgaste, como se a sua função se cumprisse na efemeridade do órgão noticioso em que pela primeira vez viu a luz do sol. (MASSAUD, 2001. p. 387).

Mais adiante Massaud Moisés diz que, a crônica tirada do meio jornalístico ou revista é “roubar-lhe o viço, que ironicamente, apenas ostenta no espaço do jornal ou da revista”. Embora ele aparentemente é contra a edição de crônicas em livros para “não perder a força de surpresa e vivacidade”, nos discordamos com ele pois, na maioria das crônicas escritas há

um contexto sociocultural que merece ser editado em livros para que assim tenha uma durabilidade maior e sirva de memória histórica para futuras gerações. Pois sabemos que um povo sem memória é um povo sem identidade. Daí a importância de desenvolver narrativas que, de certa forma conta histórias vivenciadas tanto pelo autor quanto pelas pessoas que estão inseridas no mesmo contexto sociocultural.

A crônica é uma breve visão da realidade elaborada pela literatura. Pela mão de um escritor. É quase como uma breve aparição. É uma espécie de poesia do cotidiano. É o momento lírico do cotidiano. Mas nesse momento cabe tudo. Cabe à política, cabe à visão sobre as coisas, sobre o tempo. (CULT, 2013, S/P).

A crônica tem o poder de simplificar as coisas, dificilmente uma pessoa por mais leiga que seja deixará de entender o sentido do texto. E essa característica faz com que o leitor leia com mais prazer, pois não requer uma linguagem tão formal que na maioria das vezes é exigida por outras leituras, no entanto, ele não deixa de ser um chamado, em sua maioria, para reflexão.

### **3 SOBRE O AUTOR**

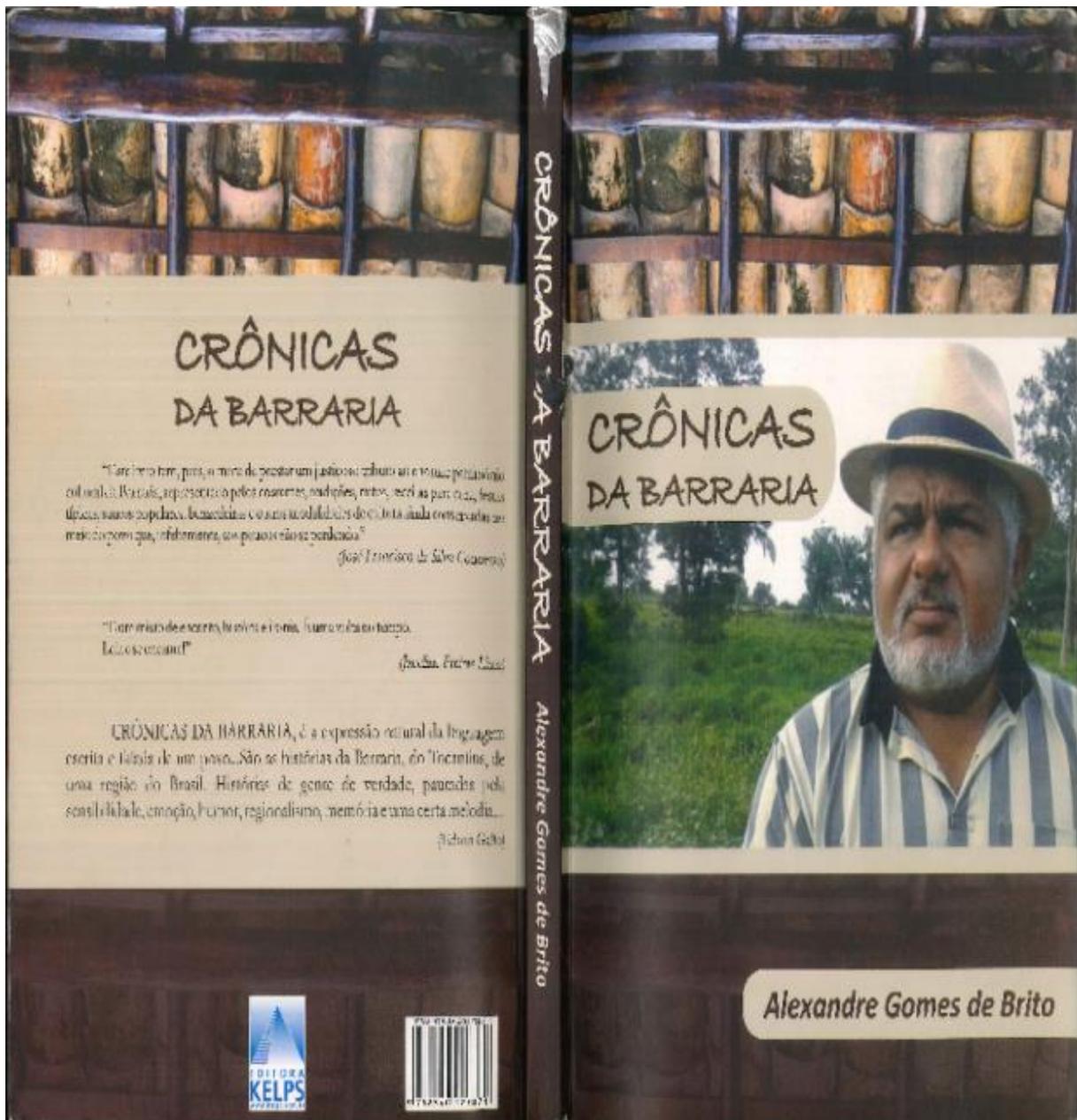
Como já foi dito anteriormente, ao ler o livro “Crônicas da Barraria” percebemos que além dele ser um livro de crônicas ele é um livro memorialista e autobiográfico, gênero que contempla a escrita de si onde ocorre a construção da memória, mas não somente de sua memória também a de outras pessoas. Porquanto, trata-se de uma memória coletiva, da comunidade sobre a qual a narrativa explana.

O autor Alexandre Gomes de Brito é natural de Porto Franco cidade do Estado do Maranhão, nasceu em 23 de janeiro de 1956, filho de José Soares de Brito e Olinda Gomes de Brito. Aos 3 anos de idade sua família mudou-se para o Tocantins, a primeira cidade que fixaram moradia foi em Babaçulândia, onde iniciou seus estudos. Aos 9 anos passaram a residir em Araguaína. Em sua infância foi engraxate e em sua adolescência ajudava os pais na complementação dos gastos escolares. Trabalhou na farmácia do Seu Humberto uma das mais tradicionais da época, segundo o próprio autor, e também como tipógrafo em gráficas da cidade. Ao alcançar a maior idade, foi professor da 3ª série do curso primário. No ano de 1975 foi aprovado no concurso para o Banco do Brasil. Através do incentivo de uma professora, ingressou na política estudantil, fez parte de ações culturais no teatro e na música. Aos 21 anos ingressou na Maçonaria Universal, através da loja Cláudio Neto de Araguaína, depois integrou –se a outras lojas no estado de Goiás. Na cidade de Petrolina de Goiás foi condecorado com o título de cidadão petrolinense. Participou de diversos cursos em

diferentes cidades do país. Na área literária produziu, no ano de 1974, o livreto de cordel, em 1979, editou um livro de poesias. A obra de 1979 foi a primeira obra reconhecida por um escritor radicado em Araguaína, o qual o levou a conquistar o Troféu Terra no ano de 1993. Atuou como colaborador do jornal “o Estado do Tocantins”, do jornalista Otávio Barros produzindo diversas peças avulsas, sempre com enfoque na literatura de cunho social e romântico. E com o resultado dessa trajetória assumiu a cadeira nº6 da ACALANTO (Academia de Letras de Araguaína e Norte Tocantinense) e também participou junto com outros autores da edição do livro: Acalanto em Prosa e versos, publicado em 2017.

Abaixo segue uma foto Da capa do livro: Crônicas da Barraria, com uma foto do autor Alexandre Gomes de Brito.

Figura 1- Crônicas da Barraria



Fonte: imagem divulgação

### 3 A BARRARIA PELO OLHAR DE ALEXANDRE GOMES

Para a elaboração desta seção, nos valeremos dos escritos do próprio autor, e dos demais teóricos citados nesse trabalho. Para apresentarmos a barraria de acordo com sua perspectiva, pois a perspectiva do autor é de quem conhece profundamente a região, deste modo, não vemos outra fonte melhor para embasar a produção desta seção. Para realizarmos esta apresentação, utilizaremos a crônica “Barraria” que é a primeira a ser apresentada no livro, visto que na crônica em questão o autor faz uma apresentação detalhada da região.

A obra em análise condensa as histórias do povo da região da Barraria, realçando a identidade do povo daquela região a qual fica compreendida entre os municípios de Araguaína, Filadélfia, Babaçulândia, Nova Olinda e Palmeirante. O autor trata com humor as histórias reais de pessoas que habitam a região. Muitos são parentes e têm uma forma peculiar de levar a vida. Comenta Alexandre Gomes de Brito:

Eu passei a morar na Barraria e me empolguei com o modo de viver, a autenticidade de ser e a disponibilidade das pessoas. É uma história rica, interessante, e tem um território muito grande, que ninguém consegue determinar onde começa e onde termina. (BRITO, 2019, S/P)

Eu me atentei a essa história, o que é, como começou, como vive o povo, como que a cultura de lá movimentava aquela região, a maioria é parente. Podem esperar um valor histórico, a identidade daquele povo, uma referência daquela região e histórias divertidas daquela gente. (BRITO, 2019, S/P)

Para Brito (2019), sua obra compreende aspectos culturais, evocando personalidades reais da região, que buscou identificar as raízes daquelas populações. Crônicas da Barraria retrata situações lúdicas de personalidades da Barraria, focando também aspectos históricos, e socioculturais daquela vasta região.

Conforme Brito (2019), “[...] Assim também a Barraria teve sua gênese, conforme relata o Sr. Juscelino Melo”, e “diz ele (o Sr. Juscelino Melo) que “essa expressão surgiu a partir da confluência de três antigas fazendas localizadas próximas do entroncamento do Zé Biel (atual Bielândia)”. Brito (2019) segue afirmando que “em meio a esses imóveis, ainda bem antes dos desmatamentos, existiam umas faixas de terras baixas e de consistência tão lamacenta que, atravessá-las na época de chuvas, montado ou a pé era praticamente impossível.” E ele afirma que foi daí que surgiu o nome Barraria.

E no recorte abaixo o autor escreve o seguinte:

Um mundão de terras que começa no entroncamento do Sr. João Barriga (município de Araguaína) e corta na direção do rio Corrente, passando pelo Barro

preto até depois do povoado Cachorro de cócoras, ou Vila Corrente [...] e adentra na margem esquerda da rodovia de acesso a Babaçulândia; nas confrontações do riacho Pontão ruma para o enorme município de Filadélfia, quase atingindo a cidade, depois margeia um bom trecho do Rio Tocantins e se desloca para a região de Cicilândia, no município de Palmeirantes; daí parte na direção das Campinas e, já nos domínios de Nova Olinda, contorna toda a extensão da fazenda Santiago, fechando o círculo na região do Caju Manso, município de Araguaína. (BRITO, 2019.p. 20)

Confirme Brito (2019), "esta vasta extensão de terra agrega partes de cinco municípios [...] isto lhe impõe uma geografia social mesclada de diversidades, mas que, a um só tempo convergem para pontos comuns." (BRITO, 2019.p. 23)

#### 4.1 RESUMO DAS CRONICAS

##### I. BARRARIA

A crônica intitulada "Barraria" é a primeira do livro "Crônicas da Barraria", de Alexandre Gomes, como já mencionado anteriormente, na crônica em questão o autor descreve a região da Barraria. No decorrer da narrativa Brito segue descrevendo aspectos geográficos, econômicos e socioculturais da região.

Do primeiro ao quinto paragrafo o autor faz uma descrição geográfica e econômica da região, nos quais ele identifica os municípios que fazem parte da região como por exemplo: Araguaína, Babaçulândia, Filadélfia Palmeirante e Nova Olinda. A maior área de influência fica situada nos arredores de Bielândia que é município de Filadélfia.

No aspecto econômico o autor salienta que o ponto principal de compras e de negócios dos Barraria é a Famosa Feirinha, instalada em Araguaína. Segundo ele, "Toda Barraria que se preza somente faz suas compra na Feirinha" (BRITO, 2019, P. 20). Nos parágrafos adiante o autor ressalta que toda moléstia que cerca o espaço da Feirinha não tem nada a ver com os frequentadores que vem da Barraria, deixa claro que é esse povo que dá um pouco de "decência àquele infausto ambiente" (BRITO, 2019, P. 20), e que a Feirinha não se reduz somente ao espaço hoje demolido pelo atual prefeito, mas que ali habita grandes empresários aos redores.

O autor cita ainda nomes de pessoas renomadas que surgiram da região nas diversas áreas empresariais. Ele destaca também que na área educacional nasceram profissionais que hoje se destacam em vários pontos do país.

No que diz respeito a cultura o autor destaca as famosas festas de forró, os famosos festejos religiosos, as crenças, mostrando as tradições e valores daquele lugar. O autor traz ainda o significado do nome barraria.

E ao final da crônica, o autor afirma que o povo da região da Barraria sente orgulho ao dizer que moram na formosa Barraria.

“[...] simplesmente dirá, com indisfarçável orgulho:  
- Moro na Barraria!” (BRITO, 2019, P. 20)

## II CASAMENTO NA ROÇA

A crônica Casamento na roça, é a décima segunda crônica do livro “Crônicas da Barraria” e nela o autor narra a história de um casal que de noivos. Nessa narrativa o autor conta todos os trâmites desse noivado. Traz ainda para dentro dessa história uma outra narrativa que aconteceu em outros tempos na região.

Os noivos são Venina e Anésio, o casal já morava em uma mesma casa há cerca de dez anos e tinham dois filhos. A região em que se passa a narrativa é num lugar por nome Bacaba, a festa se torna um dos temas mais recorrentes daquele momento, e entre uma reza e outra só se falava nesse casamento. Todo esse alvoroço ocorre pelo fato dos noivos serem muito estimados por todos da região, pois, participam ativamente de todos os eventos da comunidade, inclusive os religiosos.

E em meio as reuniões convocadas para tratar do casamento vão surgindo assuntos como o de credices populares, costumes e tradições e até a história de outros noivos em tempos mais antigos.

## 4.2 AS CRÔNICAS EM FOCO

### I. BARRARIA

A crônica “Barraria”, é a primeira crônica do livro, onde o autor descreve a região da Barraria, destacando aspectos socioculturais de grande relevância para a região. Tentaremos mostrar alguns desses aspectos como, religião, festividades, economia. Nesta análise iremos focar nos aspectos culturais da região descritos pelo autor.

A obra inicia com uma descrição geográfica da região e posteriormente ele relata a vida simples dos moradores da Barraria, mostra o contexto sociocultural como, os principais pontos de convergência das pessoas que ali moram, a cultura religiosa que está inserida dentro de tradições e costumes desse povo, e para concluir ele traz com ênfase surgimento do nome dado ao vasto território que hoje é chamado de “Barraria”.

Ao ler a primeira crônica nos deparamos com uma identificação que o autor faz sobre o extenso território da região a qual ele se refere com muito afeto, onde ele diz que, “ muitos dos relatos que sustentam esta obra, realçam a vida simples de alguns moradores da Barraria, razão pela qual busco retratar um pouco desse lugar que forma um mundo à parte, e é de visceral importância na vida de muita gente. ” Brito (2019.p.19) quando o autor faz menção a Barraria como “lugar que forma um mundo à parte” nós entendemos que o autor tenta mostrar ao leitor que aquela região não é importante só pelo fato de geograficamente abarcar um imenso território na região, mas pelo fato de abraçar e manter aquele povo ali agregado, unido por diversos aspectos socioculturais os quais mantêm uma identidade própria daquela vasta comunidade.

Segundo Dias (2017), a identidade cultural de uma determinada comunidade pode ter significados diferentes para cada indivíduo ou grupo social. Nesse caso observamos que a Barraria tem diversos elementos socioculturais que de certa forma mantêm viva os valores sociais, os costumes, e tradições.

A identidade cultural desenvolve-se por meio de elementos culturais que podem ter significados diferenciados para cada indivíduo ou grupo social. Esses elementos são os valores sociais, os costumes e tradições, o estilo de vida, as instituições, a história comum, a língua, as religiões, os grupos étnicos, o meio ambiente natural e cultural dentre outros elementos que uma sociedade atribui significados culturais. São esses elementos que um indivíduo ou grupo social adotarão como seus para se sentirem que compartilham uma cultura comum. (DIAS, 2017.p. 100).

Um aspecto social importante que o autor mostra em sua crônica é o econômico onde, retrata o hábito do povo em fazer suas compras em uma determinada região de Araguaína a famosa “Feirinha”. Segundo ele “toda Barraria que se preza somente faz suas compras na feirinha”. Aqui nesse ponto percebemos que o polo econômico de Araguaína é contemplado com o compromisso e fidelidade daquele povo. Embora a Feirinha seja “má afamada” o autor deixa claro que o povo da Barraria que a frequenta não tem nada a ver com suas mazelas ali encontradas.

É imperioso ressaltar que o vínculo de identificação do povo da Barraria com a Feirinha não impôs esse câncer social ao local, sempre visto com o estigma da intolerância e discriminação acima de qualquer resguardo. Muito pelo contrário a influência dos pacatos sertanejos que habitam a Barraria é que ainda confere um sutil aspecto de tolerância aquele infausto lugar. (BRITO, 2019,p. 20)

No aspecto educacional o autor eleva com orgulho profissionais formados em diversas áreas. Ele ressalta que apesar das grandes dificuldades dali, nascem talentos que hoje vivem nos mais diferentes pontos do país.

Já no aspecto cultural onde envolve as famosas festas da Barraria o autor destaca o sucesso dos costumes festivos da região. Destaca também que as noitadas de forró são compostas por artista de renome, segundo ele a maioria talentos da casa. A cavalgada é uma das mais esperadas festas do ano nesta região. A cavalgada de Araguaína é considerada a maior do mundo, mas o autor diz que “com justiça a da Bielândia é mais animada do mundo”. Notamos que o autor enaltece esses costumes de forma que o leitor se envolve e imagina como essas festas de certa forma promove uma interação de grande importância naquela comunidade.

As crenças da região têm um importante papel, pois, ela reúne a comunidade na época de suas comemorações promovendo a interação e a continuidade da cultura e crenças dessas pessoas. O autor destaca os nomes dos principais participantes desses rituais. Não podemos deixar de dizer que a Barraria tem até um santo milagreiro, Santo Hilário, que segundo a crença da região o santo cuida daquele imenso sertão.

Segundo Brito, é essa diversidade que torna a comunidade um mundo à parte como diz o recorte a baixo:

Logico que tudo isso mostra a tradição e os valores de um lugar, mas, se alguma coisa aqui dita sobre este vasto território parece cena comum, banal, do tipo que tem em toda parte, um imperioso detalhe não pode passar

despercebido: o espírito de concórdia e hostilidade que norteia a vocação de sua gente. No dizer de um autêntico nativo, a Barraria é um mundo a parte.

Devo dizer que sou atraído pela altivez desse contingente humano, que igual ao povo escolhido de Israel, consolidou uma analogia própria, sem submissão a cercos territoriais, por assim dizer, extrapolando suas fronteiras e arregimentando adeptos pela similaridade de cultos, de castas e de afinidades. (BRITO,2018. P. 22)

O autor faz uma analogia do povo da Barraria com o povo de Israel para demonstrar que há uma força que extrapola além de suas fronteiras e que são unidos pela similaridade e afinidades.

Até aqui trouxemos um pouco do sociocultural que faz parte da vida daquele povo, mas, não podemos deixar de ressaltar sobre o surgimento do nome Barraria o qual é tão benquisto por sua gente. Segundo o autor:

[...] surgiu da confluência de três antigas Fazenda...em meio a esses imóveis, ainda bem antes da febre dos desmatamentos, existiam umas faixas de terras baixas e consistência tão lamacenta que, atravessa-las na época das chuvas, montado ou a pé era praticamente impossível. Daí o nome barraria...] (Brito, 2019. P. 23)

O fato de o autor fazer aqui, nessa parte da crônica, mais uma analogia, para assim chegar ao significado do surgimento do nome Barraria nos chamou a atenção, pois no recorte a seguir, ele evoca o leitor para fazer uma viagem no espaço e no tempo.

Vejamos a seguir o recorte:

Mas é fato inconsistente que tudo tem um começo: os cientistas atribuem o princípio do universo à explosão de uma grande quantidade de matéria que estava concentrada em um único ponto, há 15 bilhões de anos atrás, a chamada teoria do Big-Bang, já os dotados de fé veem nesse surgimento a vontade de Deus, assim como identificam o próprio advento da mulher que, por essa mesma vontade divina, teria brotado da costela do homem... assim também a Barraria teve sua gênese, conforme relata o Sr. Juscelino Melo, um moço quarentão oriundo dos sertões de Filadélfia, mas exatamente do seio da família Luz. (BRITO, 2019. P. 23).

E para fechar com chave de ouro nessa crônica o autor trouxe uma resposta utilizada por todos os barrarias, quando perguntados “onde o senhor mora? Todos respondem com o mesmo orgulho, “Moro na Barraria!”.

- Onde o senhor mora?

Na hora e sem pestanejar, o interrogado, tanto proceda dos vastos sertões de Filadélfia, quanto de muitos outros domicílios fincados no interior de Araguaína, Babaçulândia, Nova Olinda, ou Palmeirante, simplesmente dirá, com indisfarçável orgulho:- Moro na Barraria! (BRITO, 2019. P. 23).

## II. CASAMENTO NA ROÇA

A crônica Casamento na roça, é basicamente a consumação da primeira, porque nela está inserida todo um contexto sociocultural para a realização de um matrimônio. Ele conta a história de um dos casamentos mais esperado de todos os tempos, o que é muito engraçado é que, o casal, os noivos”, já estavam juntos a mais de dez anos, mas como eram pessoas bem conhecidas e amigos de todos, acabou envolvendo todos com muito entusiasmo e curiosidade.

Nessa crônica nos deparamos com uma mistura de tradição e credices, presentes o tempo todo no desenrolar dos preparativos do tão esperado casamento, até nos encontros das famosas novenas e rezas que, é uma das ligações mais forte desse povo, e assim entre um “pai nosso e uma avemaria” estavam a falar do prestimoso casório.

Na região da Bacaba – palco prestimoso evento – o enlace já virou paranoia, pois até durante as novenas e as rezas do Rosário de Nossa Senhora de Fatima, não se fala de outra coisa; e alguém sempre dá um jeitinho cochichar algo sobre a grande festança, sem muito alarde, pois isso é feito entre uma oração e outra, em meio a frases tipo: “ao” pão nosso de cada dia...Ave Maria, cheia de graça “ a senhora convosco” e bendito “seus olhos” entre as mulheres (não importa se a pronúncia sai errada, pois nos assuntos de Deus o que vale é a intenção, correto?). Aí se fala da renda obtida no último festejo da Bacaba, que está sendo aplicada na construção do galpão, das roupas das convidadas, dos arranjos com que as madrinhas irão desfilar e da incrível vitalidade do noivo que anda mais animado e saltitante que bezerro novo. (BRITO, 2019. P. 55)

Nesse ponto percebemos nitidamente uma grande interação social exercida pela comunidade em geral da região. Como já foi mencionado a intenção era mostrar que na obra “Crônicas da Barraria” que o autor exerce a função de manter viva na memória essas histórias que foram tão importantes na conservação da cultura e da influência mútua que cada um exerce na comunidade.

E assim segundo Thompson (1998), é por meio dessas histórias que outras pessoas terão contato com as origens pertencentes ao local.

Por meio da história local, uma aldeia ou cidade busca sentido para sua própria natureza em mudança e os novos moradores vindos de fora podem adquirir uma percepção das raízes pelo conhecimento pessoal da história. (THOMPSON, 1998. P. 21)

As novenas, rezas e as festas de forró é realmente um dos aspectos socioculturais mais marcante na região. Em um trecho da crônica vemos a força e o interesse das pessoas em

participar desses eventos, embora, nesse caso, o fato de os comentários do casamento estarem na ponta língua de todos ajudou um pouco. Mas o fato é que todos compareceram à reunião.

Dia desses, Dona Nedina convocou os rezadores da comunidade para render graças a Nossa Senhora do desterro. O comparecimento foi maciço, sempre acontece nas suas celebrações. Mas pela força desse novo ingrediente (o casamento do Onésio), tudo foi muito mais animado e veio gente de muito longe, afinal onde não tem repetidora de TV ou estação de rádio, nem jornal, as notícias são dadas ao pé do ouvido; e esse tipo de reunião é sempre um bom lugar para se ficar sabendo das últimas novidades. (BRITO, 2019. P. 55-56)

As histórias foram surgindo em meio ao alvoroço dos fies fazendo surgir diversas lembranças de crendices e costumes. Assim e citada na crônica uma de muitas crendices que fazem parte da vida de muitas pessoas, principalmente as que são do sertão, “antigamente esse negócio de véu e grinalda era de uso exclusivo das donzelas virgens e que se alguma moça já maculada se aventurasse a usa-los eles se soltavam logo na entrada da igreja”

Até aqui percebemos a importância em preservar na memória literária essas histórias tão pouco contadas hoje em dia. Memórias que certamente ficarão guardadas em livros como este, e servirá de fonte de pesquisa para compartilhar o conhecimento e a cultura daquele povo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscamos trazer ao leitor as contribuições da literatura no âmbito da conservação ou preservação da memória cultural do povo da Barraria. Mostramos de forma sucinta os aspectos culturais nas duas crônicas analisadas.

Para realização desse trabalho, foram necessárias muitas leituras para que chegássemos ao nosso objetivo que era discorrer sobre os aspectos socioculturais descritos nas crônicas de Brito. Diante disso percebemos que o autor traz de forma simples e bem-humorada um contexto sociocultural pertencente, segundo Brito (2019), só ao povo da Barraria. “Muitos dos relatos que sustentam esta obra, realçam a vida simples de alguns moradores da Barraria, razão pela qual busco retratar um pouco desse lugar que forma um mundo à parte, e é de visceral importância na vida de muita gente, ” Os aspectos mais marcantes são a religiosidade e as famosas festas da Barraria, embora, ele aborde vários outros aspectos em suas narrativas. Sendo assim acreditamos ter alcançado o nosso objetivo, pois, nas análises verificamos que o autor traz diferentes aspectos socioculturais que envolvem aquela comunidade.

Percebemos que há ainda poucas pesquisas em relação às culturas regionais do Tocantins o que causa um pouco dificuldade na teorização dos trabalhos. Acreditamos que o livro “Crônicas da Barraria” é uma obra que servirá a muitos como fonte de pesquisa.

O nosso trabalho apresenta e representa um pouco da pesquisa em torno da literatura regional tocantinense, além de abrir caminhos para outros pesquisadores.

## REFERÊNCIAS

- BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo, editora Martins Fontes, 3ªed, 1999. Disponível em: <https://marcosfabionuva.files.wordpress.com>: acesso em 09 maio 2019
- CANDIDO, A. **Vários escritos** (4ª ed.). São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- CULT. **Revista Cult: Milton Hatoum, um cronista à espreita**. (entrevistado por Mariana Marinho). Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2013/07/milton-hatoum-um-cronista-a-espreita/>> Acesso em: 28.nov.2019.
- DEBONI, Mirian Aparecida. **A Vida Social e Cultural e a Atividade Literária no Tocantins**. Revista do Curso de Mestrado em Ensino de Língua e Literatura da UFT – nº 2 – 2011/I. <http://www.uft.edu.br/pgletras/revista/capitulos/mirian.pdf>
- DIAS, Ana Lourdes Cardoso. Tocantinense ou goiano? Uma questão de identidade. Espaço e Tempo Midiáticos - Revista do Grupo de Pesquisa Mídias e Territorialidades Ameaçadas - Vol. 2 N. 1 – Jan/Jul (2017)
- EAGLETON, T. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- LAJOLO, M. **Literatura: leitores e leitura**. São Paulo: Moderna, 2001.
- PALO, Maria José. **Formas de memória: estudo sobre o autobiografismo**. Revista Fronteiraz, Nº 4. PUCSP. Artigo acessado em 22/11/2019
- PIRES, L. A., & Oliveira, V. C. (2016). **A Presença do Regionalismo na Literatura Tocantinense: Diálogo com Célio Pedreira**. *Porto Das Letras*, 2(3), p. 171 - 181. recuperado de <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/2819>
- SANCHES, José Manoel da Cruz. **Serra dos pilões – Jagunços e tropeiros e mandinga: uma literatura de formação no Tocantins**. Tese de doutorado (UFF), 2008.
- TRUJILLO, Afonso F. **Metodologia da Ciência**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Kennedy, 1974.

THOMPSON, P. A voz do passado história oral. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

TOCANTINS, 2016

VYGOTSKY. L.S. **Formação social da mente.** Martins Fontes. São Paulo. 2007

## ANEXOS

## I. CRÔNICA BARRARIA

## (I) BARRARIA

*“Um jeito simples de levar a vida”*

Assim descrevo a Barraria:

“Um mundão de terras que começa no entroncamento do Sr. João Barriga (município de Araguaína) e corta na direção do rio Corrente, passando pelo Barro Preto até depois do povoado Cachorro de Cócoras, cu Vila Corrente, como o lugar é mais conhecido e adentra na margem esquerda da rodovia de acesso a Babaçulândia; nas confrontações do riacho Poção ruma para o enorme município de Filadélfia, quase atingindo a cidade, depois margeia um bom trecho do rio Tocantins e se desloca para a região de Cicilândia, no município de Palmeirantes; daí parte na direção das Campinas e, já nos domínios de Nova Olinda, contorna toda a extensão da Fazenda Santiago, fechando o círculo na região do Caju Manso, município de Araguaína, onde tem início”.

Muitas dos relatos que sustentam esta obra, realçam a vida simples de alguns moradores da Barraria, razão pela qual busco retratar um pouco desse lugar que forma um mundo à parte, e é de visceral importância na vida de muita gente.

Esta vasta extensão de terra agrega partes de cinco municípios e tem uma extensa área de influência, dentro de um contorno mais ou menos definido. Isto lhe impõe uma geografia social mesclada de diversidades, mas que, a um só tempo, convergem para pontos comuns. Interessante é que nenhuma das cidades-sedes desses municípios: Araguaína, Babaçulândia, Filadélfia, Palmeirantes e Nova Olinda, é considerada parte integrante da Barraria.

Sua área de influência abrange o distrito de Bielândia (considerado o centrão da Barraria) e os povoados do Rodeador, Barro Preto, Recreio, Macaúba, Fazenda Nova, Bacaba, Pé de Fava, Faturão (*ex-Riacho do Meio*), Inhumá, Pé de Pequi, Vila Corrente, São

Santólio, Pedro Iran PIPES, José Divaldo, Pedro Marica, Leopoldo do Marimbondo, Josilene Amaro, Irai Saldanha, Oswaldo Reis, Albino, Rosevelt Cormineiro, Josealdo Teixeira, Fabiano, Margareth Dias, Felisberto Tomé, Marim Mataria, Zé Gratao, João Doido, Orlando Arruda, Israel Brito, Márcio Teixeira e os irmãos José e Pedro Bento, empreendedores rurais.

Na scara educacional, mercê de grandes sacrifícios e consideráveis dificuldades, vários outros filhos da terra levam seus talentos profissionais aos mais diferentes pontos deste País, atuando como odontólogos, agrônomos, médicos, engenheiros, veterinários, advogados e pedagogos, dentre várias outras atividades.

A região oferece ainda grandiosas noites de forró no Club Chapadão, ou no Parque Dois Irmãos, ou no Salão da Carmosina do Lineu, ou no Farturão, ou no Salão do Bit Show, ou no Bar da Preta, ou na Casa de Tábua, ou no Salão de Zilma, ou na Cicilândia, animadas por artistas de renome, com destaque para as bandas de vaquejada do Nordeste, os filhos do Raimundo Paulino, Cavaleiros do Forró, Washington Brasileiro, Mastigado da Jumenta de Santa Fé, Wálinho & Cia., Iomar do Acordeon, Juninho dos Teclados e muitos outros. Desse universo também participam talentos da casa sendo que, desses, alguns nomes já alcançaram notoriedade e hoje embalam os *xaxadas* de outras localidades, inclusive nos Estados do Pará e Maranhão, como é o caso do Bit Show, Raimundo Trucate, Forró do Val e Toca Vaqueiro.

O enorme sucesso da cavalgada de Araguaína produziu "filhotes" em muitas outras cidades e até mesmo vilas, por todo esse recanto do nosso Estado. Assim, vamos encontrar essas folias em Mucilândia, Araguaianã, Carmolândia, Santa Fé, Babaculândia, Aragominas, Novo Horizonte e Bielândia que, a exemplo de Araguaína, também ostenta um honrável destaque; pois enquanto a cavalgada de Araguaína é considerada a maior do mundo, a de Bielândia é, com justiça, a mais animada do mundo.

Em meio a essas festanças a Barraria tem muita fartura. Fartura de frangos, macaxeira, fava, banana, coco, milho, jaca, caju, abacate, goiaba, bacuri, feijão, acerola, manga, pequi, buriti, bacaba, juçara, jenipapo, melancia, mutamba, pitomba, e gado; pois muitos dos bezerros que abastecem os fortes criadores do norte do Tocantins e Sul/Leste do Pará são oriundos desta região.

Pedro, Exú, Apinagê, Fita Verde, Cicilândia, Porenquanto, Canabava, etc. Importante frisar que o ponto de convergência dessa gente é a região da Feirinha, um trulento arrabalde do Bairro São João, bem pertinho da parte central de Araguaína, o mais importante polo econômico e cultural do Estado do Tocantins.

Todo Barraria que se preza somente faz suas compras na Feirinha. Além da aquisição de móveis, alimentos e outras necessidades domésticas, também é nesse local que tomam umas e outras, realizam pequenos e grandes negócios, fazem as refeições no badalado Restaurante *Costa pra Rua* e se divertem nas conquistas amorosas na afamada Rua do Amor, que hoje o Prefeito Ronaldo Dimas, de Araguaína, já cortou pela metade, no afã de conter a má fama daquele ambiente, que se notabilizou como ponto de distribuição de drogas, prostituição e altos índices de criminalidade.

É imperioso ressaltar que o vínculo de identificação do povo da Barraria com a Feirinha não impôs esse câncer social ao local, sempre visto com o estigma da intolerância e discriminação acima de qualquer resguardo. Muito pelo contrário, a influência dos pacatos sertanejos que habitam a Barraria é que ainda confere um sutil aspecto de decência àquele infausto ambiente.

Até porque a Feirinha não é somente o espaço hoje demolido, nem os outros adjacentes que logo terão o mesmo fim, mercê de uma vontade política que finalmente se materializou. Longe disto, pois grandes empresários, a exemplo do Jerumenha, Jaime da Rio Lontra, José Muniz (Comercial Yana) e Dona Marlène e suas Quitandas, dentre muitos outros, mantem naquela circunscrição uma diversificada rede de consumo, nos moldes da estrutura comercial de outros setor estídos como de melhor reputação.

Voltando aos redutos de origem, as ações de muitos barrarias natos já atravessaram fronteiras. Cito, como exemplo, o Rubens Barraria (filho do saudoso Mundico Carneiro), empresário dos formidáveis encontros de sanfoneiros, Pedro Saldanha, Bento Dias, meu afilhado Flavinho Amaro e Jaildo Andrade, que se destacam no comércio de compra e venda de bovinos e – para mencionar somente alguns – Dr. Pedro Braga, Carlos Martins, Edvardo Dias,

Merece destaque, igualmente, a seiva do ensino municipal onde aponto, como referências, as Escolas Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, do distrito de Bielândia, e Joaquim Dias Ribeiro, do povoado Rodeador, bem como as comunidades religiosas com seus festejos, novenas e rezas do Divino Espírito Santo, as danças folclóricas religiosas com suas ladainhas e lamentosos cânticos, nos rituais e voz de Dona Jovina, de Bielândia, a culinária da galinha caipira e os bolos de Dona Nedina.

A Barraria é também terra de Hilário, o Santo milagreiro do sertão e em seus domínios se assenta uma das mais representativas florestas fossilizadas do planeta, com uma rica diversidade biológica e paleontológica, disposta ao uso da ciência, da pesquisa e da educação.

Lógico que tudo isso mostra a tradição e os valores de um lugar, mas, se alguma coisa aqui dita sobre este vasto território parece cena comum, banal, do tipo que tem em toda parte, um impetuoso detalhe não pode passar despercebido: o espírito de concórdia e hospitalidade que norteia a vocação de sua gente. No dizer de um autêntico nativo, a Barraria é um mundo à parte.

Devo dizer que sou atraído pela altivez desse contingente humano que, igual ao povo escolhido de Israel, consolidou uma analogia própria, sem submissão a cercos territoriais, por assim dizer, extrapolando suas fronteiras e arrematando adeptos pela similaridade de cultos, de castas e de afinidades. Assim propagou-se a Barraria e a seiva singularmente entusiástica de sua gente. Esse termo hoje adquiriu até o *status* de tratamento pessoal, pois é fato comum o seu uso para designar os indivíduos oriundos da região, seja nos Colégios, repartições de trabalho ou mesmo nas abordagens íntimas e informais. Muitos até se auto intitulam *barraria*.

Mas é fato incontestável que tudo tem um começo: os cientistas atribuem o princípio do universo à explosão de uma grande quantidade de matéria que estava concentrada em um único ponto, há 15 bilhões de anos atrás, a chamada teoria do *Big-Bang*; já os dotados de fé veem nesse surgimento a vontade de Deus, assim como identifi-

cam o próprio advento da mulher que, por essa mesma vontade divina, teria brotado da costela do homem. Do amor nasceu a tolerância, do perdão o equilíbrio e a generosidade (mãe de todas as virtudes), da semente a planta, do ovo a galinha; a união dos pais gerou a criança e, para crentes e descrentes, das mãos de Deus saiu o esplendor da vida, o fausto da natureza e tudo mais que existe. Assim também a Barraria teve sua gênese, conforme relata o Sr. Juscelino Melo, um moço quarentão oriundo dos sertões de Filadélfia, mais exatamente do seio da família Luz.

Diz ele que essa expressão surgiu a partir da confluência de três antigas Fazendas localizadas próximas do entroncamento do Zé Biel (atual Bielândia): Melão (desbravada pela família Alencar), Recreio, do Prefeito Mizó, onde foi montado o P.A. Recreio, e Pedra Branca (que pertence aos Miranda). Em meio a esses imóveis, ainda bem antes da febre dos desmatamentos, existiam umas faixas de terras baixas e de consistência tão lamacenta que, atravessá-las na época das chuvas, montado ou a pé, era praticamente impossível. Daí o nome *barraria*, expressão que aos poucos ganhou vulto e estendeu-se para muito além de suas delimitações e do seu próprio município de influência.

Também é insigne o senso de identidade dos moradores desse prestimoso território. Para atestar isso, basta que se pergunte a qualquer deles, no ato de uma entrevista, no levantamento de dados para a compra de um bem, ou abertura de conta bancária, ou mesmo para uma internação:

— Onde o senhor mora?

Na hora e sem pestanejar, o interrogado, tanto proceda dos vastos sertões de Filadélfia, quanto de muitos outros domicílios fincados no interior de Araguaína, Babaçulândia, Nova Olinda ou Palmeirantes, simplesmente dirá, com indisfarçável orgulho:

— Moro na Barraria!

— Santa Clara – Barraria de Filadélfia (TO), 24 de novembro de 2013 até hoje

## II. CRÔNICA CASAMENTO NA ROÇA

*Alexandre Gomes de Brito*

### (XII) CASAMENTO NA ROÇA

Ufa! Finalmente é chegada a hora do tão esperado casamento do Onésio com a Venina. Faltam pouquíssimos dias e não tem outro assunto que desperte tanto interesse em toda a extensão da Barraria. Este casório virou tema do momento, mais comentado que as tramas e intrigas das novelas das nove, da Rede Globo.

Na região da Bacaba – palco do prestimoso evento – o enlace já virou paranoia, pois até durante as novenas e as rezas do Rosário de Nossa Senhora de Fátima, não se fala de outra coisa; e alguém sempre dá um jeitinho de cochichar algo sobre a grande festança, sem muito alarde, pois isso é feito entre uma oração e outra, em meio a frases tipo: “ao” pão nosso de cada dia... Ave-Maria, cheia de graça, “a senhora convosco” e bendito “seus olhos” entre as mulheres (não importa se a pronúncia sai errada, pois nos assuntos de Deus o que vale é a intenção, correto?). Aí se fala da renda obtida no último festejo da Bacaba, que está sendo aplicada na construção do galpão, das roupas das convidadas, dos arranjos com que as madrinhas irão desfilar e da incrível vitalidade do noivo, que anda mais animado e saltitante que bezerro novo.

Conta o Siran Bacaba, grande amigo do noivo, também escalado para padrinho de casamento, que o rapaz, de tão alegre que está passa o dia inteirinho assobiando, tanto que quando chega a noite sequer consegue fechar os lábios. E veja que o moço já mora com a noiva há mais de dez anos e já tiveram dois filhos. Se fosse uma núpcia imaculada, virgem, então...

O enorme interesse pela festa se explica, pois os noivos são bem conhecidos na região, têm vida social ativa e participam de todos os eventos da Comunidade, inclusive os religiosos. Os convidados passam de algumas centenas e a festa, pela organização e fartura, certamente ficará marcada na recordação de muita gente.

Dia desses, Dona Nedina convocou os rezadores da Comunidade para render graças a Nossa Senhora do Desterro. O comparecimento foi maciço, como sempre acontece nas suas celebrações.

Mas pela força desse novo ingrediente (o casamento do Onésio), tudo foi muito mais animado e veio gente de muito longe, afinal onde não tem repetidora de TV ou estação de rádio, nem jornal, as notícias são dadas ao pé do ouvido; e esse tipo de reunião é sempre um bom lugar para se ficar sabendo das últimas novidades. A reza foi bastante rápida, com os participantes se olhando o tempo todo, cada um tentando adivinhar quem estaria mais por dentro dos comentários mais picantes. Logo que findou a última ladainha, os rezadores foram montando grupinhos em vários pontos da residência, sempre se revezando, de modo a se atualizarem sobre os últimos mexericos. O almoço é que teve que esperar um pouco, pois muitas mulheres, e mesmo alguns homens, se aboletaram na mesa da cozinha, num alarido tal que mais parecia uma porção de periquitos sobre a copa de uma árvore. E aí o banzé rolou solto.

Com tanta gente boa de etiqueta, os temas eram os mais variados: trajes de gala para os homens, vestidos longos e sandálias de salto alto para as damas, maquiagens, penteados, arrumação de unhas e sobancelhas, etc. Logo alguém lembrou que a beleza das dondocas da Barraria ficaria entregue aos cuidados da Srta. Cleidiane, filha do Zeferino, que viria de Araguaína especialmente para a ocasião. Mas, sozinha? Coitadal! Para cuidar da beleza de uma multidão de mulheres, ela precisaria de uma boa equipe. Foi assim que apareceu um gaiato de plantão elegendo um grupo de senhoras da região para atuar como auxiliares da Cleidiane: a Sra. Raimunda do Adelino acudiria nos penteados, a Sabina do Manelinho na maquiagem e a Bilf do Hilário, por ser pequena, ficaria como ajudante de pedicure.

Resolvida essa questão, outro grupo foi se preocupar com a noiva que, segundo fontes da "rádio peão", entraria na Igreja de traje completo, ou seja: de véu e grinalda. Veio também uma preocupação com a lua de mel. Como o casal estaria se preparando para isto? Na falta de uma fêmea que desse um palpite mais apropriado, o Sr. Pedro Marica logo deu sua opinião, que não vai detalhada aqui por ser imprópria para menores de 36 anos.

Dona Maria Carneiro lembrou que antigamente esse negócio de véu e grinalda era de uso exclusivo das donzelas virgens e que, se alguma moça já maculada se aventurasse a usá-los, eles se soltavam logo na entrada da Igreja, deixando a fulana na maior saia justa. Apareceu um monte de gente para confirmar essa história, pois a mãe de alguém já tinha ouvido falar de um caso parecido, a avó de outro tinha presenciado uma cena igual, de modo que isto, com tantos testemunhos fidedignos, realmente deveria ser uma grande verdade.

Logo os grupos que estavam reunidos na casa de Dona Nedina passaram a fazer comparações dos tempos de antigamente com os de hoje. Como tudo era diferente! Uma pessoa até lembrou que em outras eras, quando uma senhoria perdia a virgindade antes de casar, isto trazia uma série de implicações para toda a família, pois eram feitos os maiores esforços para ocultar o fato, isto quando a jovem não era simplesmente expulsa de casa. Nas famílias mais conservadoras existiam até situações em que a honra era lavada com sangue, quando o molestandor era capturado para reparar o seu erro: ou casava, ou "sumia", ele próprio, ou sua genitália. Outras vezes, porém, esse tipo de problema era resolvido com mais diplomacia, pois quando o infrator era casado, ou não era localizado, o pai da moça "ofendida" cuidava de arranjar um "bode expiatório", oferecendo até 20 cabeças de gado para quem topasse salvar-lhe a honra, se casando com ela. E olha que o herói salvador ainda podia escolher a vacada a seu gosto. Quando a família era mais influente, ainda entrava no negócio um pedacinho de terra, uma casinha na cidade, e até um dinheirinho por fora... Realmente eram outros tempos.

Conversa vai, conversa vem e logo surgiram diversos comentários sobre costumes ainda mais severos, de modo que o assunto se estendeu por muitas épocas, envolvendo várias personalidades, algumas até já falecidas. Mas o que chamou mais a atenção de todos foi um episódio que nem é tão antigo assim, pois que se passou há uns trinta e poucos anos, apenas.

Eis a história:

Noivos estavam os jovens Herculano e Zulmira (nomes fictícios – será?), moradores deste nosso sertão, filhos de fazendeiros renomados, bem criados, educados, inteligentes, religiosos e castos, como todo bom moço e boa moça naquelas épocas devia ser. Herculano morava a poucas horas de viagem (de montaria) da casa da noiva e o casamento era do agrado geral. Começou ele a construir sua casinha e logo os pais do casal marcaram a data do certimonial. Como tudo era muito difícil, sem estradas, optaram por fazer a festa sem maiores delongas, também como forma de não atrapalhar a agenda do Senhor Vigário.

Foi uma solenidade grandiosa, com o noivo devidamente “amolado” e a noiva nervosamente instruída para as núpcias. Passada a festança, já quase na hora do noivo carregar a noiva para consumar, em algo mais real, os olhares ardentes e os apertos de mãos que alimentaram durante todo o tempo de namoro e de noivado, ficou o pai da noiva sabendo que o rapaz ainda não tinha concluído a futura residência do casal. Ora, se era da filha ficar com os sogros, quem sabe até aguentando desaforos, melhor seria permanecer no lar paterno! Olhando por este lado até que ele tinha certa razão. O jovem ainda tentou argumentar, dizendo que a situação era transitória, que a casa ficaria pronta dentro de poucos dias, etc. e tal. Só que o sogrão, homem sisudo e de princípios rígidos, não cedeu um milímetro sequer. E assim ficou acertado: a moça só iria para a companhia do matido quando a casa estivesse pronta.

Os galhos secos das aroeiras indicavam o período mais crítico do verão, pois tudo isto aconteceu em pleno mês de setembro. Como afirmara o noivo, alguns dias depois o ninho dos pombinhos ficou pronto, mas, para a tristeza do casal, a mãe da moça veio a adoecer e ela, por ser a filha mais velha, ficou responsável pelos cuidados com a enferma até que ficasse curada. E assim o tempo foi passando. Logo vieram as primeiras chuvas de outubro, findou-se esse mês e novembro entrou de cara fechada, com chuvas torrenciais quase todos os dias. Acho até que a genitora já estava bem melhorada, mas nada do pai liberar a noiva. Passaram-se mais de 90

dias e o rapaz não suportava mais tanta inquietação. Assim, resolveu matutar um jeito de por um fim àquela terrível angústia.

Um belo dia ficou sabendo que o sogro faria uma viagem a Araguaína, levando a mulher, mas deixando um caseiro para cuidar da filha casada e dos filhos menores. Naquels tempos uma jornada dessas era coisa demorada, tanto para ir como para voltar. Herculano pensou consigo mesmo: é agora! Esperou pela ocasião da partida e ficou de bituca. Aguardou mais um dia e, no terceiro, encheu o corpo e o espírito de coragem, apanhou um monte de gravetos medicinais e partiu para a casa da noiva. Lá chegando, bem no final da tarde, fez uma cara de doente terminal e pediu pra moça que lhe fizesse um banho com as ervas para lambuzar o corpo, pois não aturava mais as fortes dores que vinha sentindo há vários dias. Tendo ela concordado, ambos rumaram para uma casinha no fundo do quintal, onde ficava o pilão. O caseiro não deu mole, mas como os moços eram casados, ficou observando apenas de longe. Ele, o noivo, fazia um comentário, e ela, a noiva, dava umas risadinhas sapecas, enquanto as batidas no pilão soavam sem parar.

Logo caiu a noite e ficou tudo muito escuro e eles tiveram que acender uma velha lamparina a querosene para alumiar o recinto. Quando a gorroba ficou pronta, ele tirou a camisa para ser banhado pela noiva, da cintura para cima. Imagine a cena: mãos ternas e suaves passeando pela nuca, cabelos, rosto, massageando as costas, tórax, barriga...

De repente a lamparina apagou, talvez pela força de uma lufada do vento frio do inverno ou, muito provavelmente, pela respiração já ofegante de ambos. Não se sabe ao certo, mas o certo é que ficaram às escuras.

No dia seguinte o patriarca retornou com a esposa, satisfeito com o resultado da viagem e esbanjando satisfações por rever a filha, tão obediente, tão casta, tão tolerante, tão resignada... Como chegaram perto do meio-dia, foram logo cuidando do almoço e aproveitaram um breve tempo para deixarem os assuntos em dia.

*Crônicas da Barraria*

Mais tarde, o pai aproveitou para cochilar um pouco e, ao despertar, fez um passeio ao redor da Sede da Fazenda, para verificar os animais que estavam nos pastos mais próximos, sendo seguido de perto pelo diligente caseiro.

Ao se afastarem um pouco mais, em um ponto onde não podiam ser vistos, nem ouvidos, o empregado abordou o patrão:

– Seu Purcino, acho bom o senhor entregar logo a noiva, porque aquele “negóço”, já era!

---

Santa Clara – Filadélfia (TO), 16 de julho de 2013

---